

A CAMISA DO MARIDO

Vicentônio Regis do Nascimento Silva
Doutor em Letras – Estudos Literários – pela Universidade Estadual de Londrina (UEL)
vicrenos@yahoo.com.br

LIVRO RESENHADO

PIÑON, Nélica. *A camisa do marido*. Rio de Janeiro: Record, 2014. 160 p.

Sou a mulher deste homem e me arrependo. Lamento que seja meu marido e que eu pertença a sua família. Aqui estou aguardando sua chegada, vindo da casa da mãe. Em geral não se atrasa nem desiste de retornar a este ninho desfeito, como eu preferia. Ele não bebe, não fuma e só me trai com putas. É rápido nessas visitas. Por mim, ficasse com elas para sempre. Mas quem eu poria em seu lugar para me sustentar? Como desistirei de sua herança? Lá está ele, passando a chave no ferrolho. Entrou. Tenho que lhe dar as boas-vindas sabendo de antemão que é um homem derrotado, não reage (p. 19-20).

E você, Eugênia, quantos filhos teve? Se me contou, esqueci-me agora. Estranho destino, o nosso. Ao partir, mugimos como vacas, balimos como ovelhas. Tanto estardalhaço para que os filhos nos paguem mais tarde com visitas apressadas. Absortos com o mundo, mal chegam, de olho no relógio, querem logo partir. Como se a sina do homem fosse fugir do estábulo onde afinal foi parido (p. 113).

O conjunto da obra de Nélica Piñon já traduz sua relevância não apenas para a Literatura, mas para o debate da emancipação feminina. “I love my Husband” (PIÑON, 2005, p. 145-156) é seu trabalho mais citado quando se trata de abuso simbólico e terrorismo psicológico causados pelo marido à personagem principal. Boa parte dos nove

contos de “A camisa do marido” discute os valores aos quais as mulheres se prendem e dos quais, muitas vezes, desejam se libertar.

Carlos Magno Gomes (2017, p. 85) esclarece que “de forma bem particular, Nélida Piñon explora as marcas paródicas da arte pós-moderna ao desafiar o próprio estatuto da narrativa quando retoma obras clássicas para serem reescritas pelo prisma feminista”. Observa-se esse “prisma feminista” ao se dar voz ao sujeito, constituído tanto na alteridade quanto no embate das relações sociais:

[...] Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder que lhe é doado por circunstâncias legitimadas pelo lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e de seu gênero, entre outros referentes que o definem como o centro, a referência, o paradigma, enfim, do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar – e falar com autoridade – é de classe média ou alta, branco e pertencente ao sexo masculino (ZOLIN, 2012, p. 160).

O primeiro conto, título da coletânea, narra a morte do marido de Elisa, que mantém, em sua posse, a camisa ensanguentada como forma de reverência a quem levava fartura à mesa (p. 12). Apesar da fartura, a família mostra – pela intercalação do foco narrativo entre a primeira e a terceira pessoa, ora concentrando-se na focalização interna, ora na externa, manifestando-se todas as personagens – erupção violenta de sentimentos contraditórios. Se Elisa aconselha-se com a memória do marido e zela por seu fantasma (p. 14), filhos e nora exteriorizam a insatisfação. Elisa pondera: “[...] Sempre soubemos, ao longo dos anos, que cada qual representava um perigo para o outro. E tal certeza fazia bem à vida conjugal, mantinha o leito aquecido” (p. 15). A ausência de sexo desencadeia perturbação: “[...] Mas teriam eles sensibilidade para compreender a

tragédia do amor que não cessa nem depois da morte?” (p. 16). Esse ardor sexual contrasta com os nomes santificados do marido (Pedro) e dos filhos (Tiago, Mateus e Lucas). Embora de baixa estatura e representante do profano, é ela quem emite as ordens (p. 15). Após seu falecimento, os filhos disputam a primogenitura (bíblica?), ávidos pela posse de bens.

Conta-se “O trem” por meio da filha da personagem principal. Inicia: “O pai amava os trens” (p. 36).

Sua sina, além de morrer na casa, era amar a fantasia mais que a realidade. Raro o dia em que não se entretivesse em tecer invenções, contando com a colaboração da mãe, que, sorridente, perdoava-lhe os excessos. Um homem que, se de um lado lhes sonegara a fartura, em troca dera-lhes um humor que se irradiava generoso pelas paredes da casa, graças ao qual não partira na boleia do caminhão em busca de uma terra de onde não se regressa. A mãe aceitava, assim, que ele, a serviço da imaginação, substância tão nutritiva, se mantivesse atado ao lar tanto quanto a ela, que, enquanto cuidava dos afazeres do cotidiano, se empenhava por fazer a todos felizes (p. 37).

Entre realidade e fantasia, o pai, com a ajuda inestimável da mãe, leva a família para um vagão quebrado no qual, depois de assumir o posto de maquinista, cria rota imaginária.

Se intertextualidade e fantasia/realidade respectivamente ocupam a temática do primeiro e do segundo contos, o terceiro – “Dulcineia” – retomará Dom Quixote na modalização da mulher:

Os sentimentos de Maritornes oscilavam. Ora desconfiava do cavaleiro, ora o enaltecia. Indagava-se se ele teria mesmo o dom de fazer dela outra mulher, de sair

em sua defesa quando o mundo se opunha a ela e nada lhe ofertava? Mas o que poderia de fato pleitear que merecesse ser seu? (p. 53).

A discussão em torno da figura feminina não atinge apenas Maritornes, mas também o famigerado escudeiro, cujo aprendizado com a esposa evidenciara a condição do outro sexo:

Sancho se condoía das mulheres. Algo a esposa lhe ensinara, vendo-a na labuta, parindo, alimentando os filhos com escassas moedas. Longe agora de casa, reconhecia que a maltratara, como se a função de cuidar da humanidade carecesse de valor. Assim, apiedou-se da asturiana, que trabalhava praticamente em troca de um prato de comida e de moradia, e cujo sexo era um receptáculo da sujeira humana (p. 56).

A transição do *status* de objeto ao de sujeito pressupõe o rompimento da dominação masculina (SILVA, 2016, p. 758), da aceitação/resignação (SILVA, 2016, p. 759) e da transmissão do poder de dominação simbólica (SILVA, 2016, p. 759). Esta última parece exercer sua função em “A mulher do pai”, já que o narrador, filho sem valentia e sem macheza, que relata à sombra, assume o lugar paterno à cama quando da morte do genitor.

Em “Para sempre”, sobrepõe-se a morte ao relacionamento extraconjugal de um cinquentão e de uma garota de vinte anos. Ela, solteira e solitária, presenciara o fim da vida paterna e, agora, volta a adentrar a solidão com o infarto fatal do amante durante o sexo.

Amparava-se na decisão de estar só no mundo. Constituía uma epifania. Estava pronta para enfrentar quem fosse. De sua força advinha uma voracidade amorosa que se saciava com a vida sem brilho. Era tudo de que carecia (p. 92).

Em “A sombra de Carlos”, a tia, comandante da família e considerada libertária (p. 99-100), deixa herança ao sobrinho, pobre professor de história (p. 96) cujo desconforto cotidiano é identificado tanto no aspecto material – “Meu salário não cobre minhas necessidades. A sorte nunca me favoreceu, nem os amores” (p. 98) – quanto no psicológico – “Na escola, onde leciono, sou um homem infeliz” (p. 100). O texto não fornece elementos da magnanimidade da tia e da mediocridade do sobrinho, mas essa eventual inversão confirmar-se-ia caso se abrisse o envelope, objeto do legado?

Já “Em busca de Eugênia” narra os infortúnios de quem procura descobrir o paradeiro da irmã. Mas,

Afinal, Eugênia, há quantos anos lhe escrevo sem saber para onde enviar estas longas cartas? Há quantas noites penso em nós duas, meninas, tangendo as ovelhas montanha acima, embora me convença de que cada carta depositada na gaveta da cômoda correspondia a uma resposta que de fato escreveu, ainda que não tenha chegado as minhas mãos? (p. 130).

A escrita de si mistura o universo da realidade/sofrimento ao da fantasia/sonho, criando equilíbrio para se percorrer os caminhos da vida. A irmã conclui: “Fingi, então, que não sofreria com sua partida. Pois, sendo a terra redonda, seria fácil caminhar em frente até encontrá-la, onde estivesse. E é o que faço hoje, agora, a cada dia desses longos e intermináveis anos” (p. 132).

“A quimera da mãe” demonstra como a Literatura fomenta o erotismo.

Antônio Frutuoso, que desaparecera de nossas vidas, era o nome de meu pai. E, pelo que descobri mais tarde, não estranhara no início a atração da mulher pelos amores ardentes. Ao contrário, festejara aquelas leituras que talvez lhe esquentassem o leite. Decerto, terá sido algumas vezes favorecido pelos impulsos de minha mãe, quando esta o confundia com personagens que flutuavam em sua imaginação (p. 136-137).

A liberdade de pensamento reverbera de tal modo no cotidiano que seria possível flagrar a mãe em devaneios eróticos tomando, por exemplo, Camilo Castelo Branco cujos “[...] personagens do romance, de tanto padecerem da penitência do amor desmedido, seguiam-na em permanente romaria” (p. 139).

Por fim, “A desdita da lira” talvez seja o único constructo do qual se abdica de tratar das mulheres uma vez que o protagonista é Camões a quem é dado o destino de pouca glória: “[...] Antes tivesse eu sucumbido. De que vale tanto denodo se não me reconhecem os méritos, se ninguém me cede benesses?” (p. 154). A metonímia usada no título do conto tem a função de tomar a parte (poeta de envergadura) pelo todo (poesia como gênero pouco valorizado). No caso em questão, se a lira (poesia) não tem valor, já que é desditosa, cheia de infortúnio, infelicidade e desventura, seus praticantes seguem o mesmo caminho.

Os contos de Nérida Piñon resgatam as reflexões de personagens em passados remotos – ou presentes – que, colocadas em práticas, libertariam as mulheres contemporâneas do jugo masculino ou discutiriam a contraposição de valores culturais e literários aos financeiros, caso do último conto.

Referências

GOMES, Carlos Magno. O feminino do narrador pós-moderno de Nélide Piñon. *Muitas Vozes*. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, v. 6, n. 1, 2017, p. 84-95.

PIÑON, Nélide. "I love my husband". In: _____. *O cortejo do divino e outros contos escolhidos*. Porto Alegre: 2005, L&PM, p. 145-156.

SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento Silva. Continuidade e ruptura: a dominação masculina na dramaturgia de Tchekhov e Ibsen. *Revista Virtual de Letras*. Jataí: Universidade Federal de Goiás, v. 8, n. 1, jan./jul., 2016, p. 751-763.

ZOLIN, Lúcia Osana. Representações interculturais de gênero no romance *A república dos sonhos*, de Nélide Piñon. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Brasília: Universidade de Brasília, n. 40, jul./dez., 2012, p. 159-175.

Recebido em 5 de março de 2018.

Aceito em 6 de abril de 2018.